

# Manuel Maria Carrilho

## "António Costa não é um líder, é um gestor, é o patrão do PS"

O antigo ministro da Cultura, ex-embaixador na UNESCO e professor catedrático alerta para a crise da democracia - à beira do fim? -, para o poderoso extremismo do centro e para a indolência da Europa. Avisos e reflexões de uma "democracia no seu momento apocalíptico", novo livro de Manuel Maria Carrilho que será esta quarta-feira, às 18 horas, apresentado no Palácio Galveias, em Lisboa.

Artur Cassiano, *Diário de Notícias*, 28 Setembro 2022



© PAULO SPRANGER/ Global Imagens

**Porque está a democracia num momento apocalíptico? Porque sublinha essa ideia de Jacques Derrida de que "(...) o fim aproxima-se, mas o apocalipse é de longa duração"?**

Tudo o que se passa hoje, passa-se no quadro de um paradigma que não é suficientemente considerado. Estamos neste impasse sucessivo de crises atrás de crises. Vivemos como se tudo fosse ilimitado, mas tudo tem limites. Esse paradigma foi-se constituindo durante séculos.

**E quais são as causas?**

Primeiro, o individualismo - hoje o indivíduo é o centro da sociedade -, e, segundo, o financismo, a grande transformação do capitalismo, que pouca gente tem em conta. Penso que o grande impacto da social-democracia tem a ver com o fracasso da terceira

via e com não terem percebido o que era o capitalismo. Os outros dois fatores são a globalização, um processo histórico em curso, e por fim as novas tecnologias. Todos estes fatores reforçam-se uns aos outros e fecham com uma tenaz este paradigma em que todos estamos hoje a viver que é o ilimitado.

### **A ideia permanente do crescimento?**

É um dos pontos centrais. Nunca se falou em crescimento até ao século XX. O crescimento é uma palavra que nasce nos Anos 50. Até aí não se falava de crescimento, as cidades iam crescendo à medida que a população crescia. Este ilimitado que nasce com este crescimento vai esperar o impulso ilimitado que começa com o crescimento do consumo, a seguir o crescimento da dívida, o crescimento dos direitos e o crescimento da vida.

### **Que desabou em quê?**

Por exemplo no desaparecimento das fronteiras. Aliás, acho que um dos grandes problemas da Europa é não ter fronteiras. O que é uma união sem fronteiras? Hoje temos uma classe política muito fraca, muito ignorante, mas acho que muitos políticos, de vez em quando, vêm as coisas e também não lhes dão consequências. Por exemplo, a última grande intervenção de Macron foi sobre o fim da abundância. Ele percebe isto, o ilimitado está a bater na parede, estamos sempre obrigados a prometer crescimento permanente quando, na verdade, ele acabou.

### **É por isso que a existência da democracia, não apenas como sistema político mas também como sistema social, está em causa?**

Questiono o que ela se tornou, mas o que digo é que nunca houve um regime político eterno na História da Humanidade. Damos a democracia como ilimitada, desde que caiu o Muro de Berlim que a democracia é o caminho para a eternidade. Pelo contrário, estamos agora a ver consequências tremendas, como a própria guerra, e o que aconteceu foi que com o fim do Muro de Berlim todas estas transformações se aceleraram.

### **Até nas ideologias?**

As ideologias começam, elas próprias, a iludir-se e há um processo acelerado de erosão ideológica. Fala-se muito da social-democracia, do liberalismo, da democracia cristã, do comunismo, do socialismo, mas o que é isto? São só palavras. É como no futebol, sinalizam adversários e equipas que disputam o poder, mas que não têm conteúdo.

### **É por isso que fala num extremismo do centro?**

Comecei a analisar como é governada a Europa a partir dessa ideia do ópio do povo, o europeísmo, e encontrei este extremismo do centro. Normalmente, considera-se extremismo como os radicais, as pontas, digamos assim. No centro estaria o consenso, os racionais, com um conjunto de características que, no fundo, escondem um dogmatismo férreo. E se não há alternativa, então é o quê? Um extremismo com uma força que nem o extremismo de esquerda ou de direita alguma vez tiveram.

### **O extremismo do centro é mais poderoso?**

É mais poderoso porque está no poder na Europa há muitos anos. É isso que nos diz que entre Passos Coelho e António Costa há muitas diferenças de pormenor, mas não há nenhuma diferença de fundo quanto à política a seguir. Vê-se o que foi a ilusão da geringonça e da viragem à esquerda. O caminho é o que a União Europeia impôs, impõe. O apocalipse é isto, por um lado, a deslegitimação dos partidos e a composição do

próprio sistema, é um desabar de ilusões. Há cada vez menos pessoas que defendem a democracia e cada vez mais pessoas que são indiferentes aos regimes autoritários. E isto passa-se, cada vez mais, com os mais jovens.

### **A espiral fatal do extremismo do centro?**

É o modo de governo, é um modo que tira o poder aos cidadãos. Mas falo do apocalipse porque todos os processos que já referi levam a que tenhamos uma política de um pragmatismo sem qualquer visão, ninguém sabe o que vai acontecer. É tudo imediato, é tudo remendos, e o curto prazo é outro elemento fatal para a democracia. Se vivemos num regime de curto prazo não temos possibilidades de consolidar qualquer projeto.

### **Sem projeto e de crise em crise?**

Vivemos uma crise desde 2010 e acho que o grande salto da ilusão europeia tem a ver com o grande fracasso do socialismo. É quando o socialismo falha em França que Mitterrand diz que o nosso destino é a Europa, como se a Europa fosse uma compensação. Mitterrand transformou o fracasso francês naquilo que o próprio diria que é o sucesso europeu. Depois disso, vem mais uma vez a armadilha do ilimitado porque a Europa começa bem com seis, não vai mal com doze, começa a ir mal com quinze, mas ainda houve alargamento até aos 28 e paralisou-se completamente desde então.

### **Paralisada?**

Está paralisada, tornou-se ingovernável e vestiu também a camisola do ilimitado. A grande conquista da Europa é a paz e é por isso que acho muita graça que se fale hoje da Europa-potência sem nenhum conteúdo, sem ter Exército, sem ter meios, sem ter orçamento, é um pacifismo indolente.

### **Porque?**

Porque continuamos a ter os americanos como o chapéu de chuva da segurança e foi isso que permitiu que a Europa apostasse num Estado-Providência, que não existe nos EUA, porque tem esse chapéu. É por isso que hoje todos os Estados têm uma dificuldade muito grande, porque sabem que só podemos ter uma Europa de Segurança, uma Europa de Defesa e uma Europa-potência, quando tivermos um Orçamento de Defesa e Forças Armadas europeias.

### **"É imprudente ver na Ucrânia uma causa da democracia"**

#### **São precisas fronteiras e é preciso uma ideia de soberania europeia?**

É preciso a ideia de soberania europeia, mas veja bem que a Europa tornou-se especialista em superar crises sem as resolver. Tivemos a crise da moeda, a crise da saúde, a crise da ciência e agora temos a crise da energia. Há todas estas ilusões de ir andando para a frente sem nunca se resolver aquilo que está para trás.

#### **O que é que explica essa grelha de leitura permanente associada à crise?**

É o não se assumir a crise. Como é que se sai de uma união que não funciona? Na verdade, sabemos como se sai, com união política, com harmonização fiscal e com o fim da desigualdade económica. Mas nada disto se fez, pelo contrário, todos estes fatores se agravaram, mas são negados. A Europa é um avião sem piloto. Ursula von der Leyen, penso que de forma imprudente, identifica a causa da Ucrânia com a causa da democracia

### **E não é?**

É preciso ter bem noção de que Putin é um déspota criminoso e que a nossa obrigação é apoiar a Ucrânia. Mas não pode haver confusão, porque é um país onde se proibiram partidos e etc. Esse não é um modelo de democracia, pelo menos não é o meu. É uma guerra justa do nosso ponto de vista, mas o argumentar de Ursula von der Leyen não é um argumentar de defesa do interesse europeu, que é a função da Comissão Europeia. A Comissão Europeia não governa e tem por obrigação a defesa do interesse europeu e acho que a confusão de Von der Leyen é pôr a Ucrânia como o biombo de todos os problemas da Europa.

### **É a forma indolente de prolongar o estado em que a união está?**

Sim, é uma forma de não enfrentar os problemas: a Europa mantém-se viva por inércia. Há uma inércia da união monetária, há uma inércia política, há inércia em vários vetores e a Europa tem muita força nessa inércia. Os problemas estão todos a acumular-se e onde isto vai dar não sei. Se vai dar ao apocalipse ou não, veremos. Mas a realidade é que os problemas estão a acumular-se e não estão a ser resolvidos.

### **É isso que leva ao fenómeno que define como a Era das Geringonças?**

Está tudo ligado. Existem geringonças porque acabaram as ideologias, aumentou a fragmentação política e social e, portanto, a democracia transforma-se cada vez mais.

### **Em quê?**

Deixa de ser um regime político ancorado nesta ideia da transformação das sociedades a partir da liberdade dos indivíduos e da sua força coletiva, para ser um simples modo de designação dos governantes. Aquilo que estamos a ver hoje em Itália, por exemplo, não tem nada a ver com o que se passou com Mussolini, isto é algo completamente novo. Temos é de descobrir o que é este novo. A extrema-direita chegou ao poder por voto dos cidadãos, então porque é que os eleitores os escolheram? Há razões para estas mudanças e a social-democracia está completamente a dormir, assim como a esquerda em geral.

### **"Costa está refém da herança de José Sócrates"**

### **A dormência da esquerda vem de quê?**

Vem da inação, vem da noção que as pessoas têm de que os partidos políticos são incapazes de resolver os problemas. Tudo se esgota no ato eleitoral, porque enquanto o voto era a base e o mandato e o programa eram respeitados, hoje isto não acontece.

### **Não?**

Não, o mandato e o programa não existem, há uma legitimidade de proximidade em que o governo é escrutinado pelo regime mediático continuamente. Podem prometer uma coisa, mas pode haver movimentações populares que alteram as coisas em 15 dias. Olhemos para o caso português: temos o Partido Socialista no poder e se olharmos para a oposição, ideologicamente, o que é que vemos à direita? Nada, temos siglas. Essa oposição é mais uma coisa sem qualquer conteúdo entre o Estado e o indivíduo.

### **E porquê?**

Porque quando há alguma dificuldade as pessoas viram-se é para o Estado. Simplesmente o Estado-Providência virou-se completamente para ser um Estado para os indivíduos. É um Estado para os indivíduos em que os indivíduos vão procurar socorro e

é neles que o Estado pensa principalmente, não é tanto na nação. É por isso que penso que temos um regime de social-liberalismo.

### **E é isso que atravessa os vários partidos que compõem o nosso Parlamento?**

Não há ideologia, há umas ideias. O Chega, por exemplo, tem três ou quatro ideias provocatórias, mas não tem base social, porque não há migrantes, não há inimigo externo. O Chega, em Portugal, é um partido de protesto, sem a base que têm este tipo de partidos nos outros países. Cá não temos essa base social, não temos os problemas dos migrantes, daí ele ter inventado o problema dos ciganos.

### **E conclui que?**

Que a direita está manietada e a esquerda está embalsamada e é por isso que continuam a defender a União Soviética de Estaline. O PS está entre uma oposição frágil, manietada e sem nenhuma liderança forte à direita e uma esquerda completamente embalsamada, seja o Bloco de Esquerda ou o PCP.

### **E que define o PS?**

O PS é o partido que está no poder neste momento. O talento de António Costa em 2015 tornou-o o chefe, mas não acho que seja um líder, não lhe conheço nenhuma visão de futuro. António Costa é um gestor, é o chefe do PS e é o patrão, mas não é um líder como foi Mário Soares, por exemplo. Isso é o PS, é o partido que gere o poder que conquistou da maneira que sabemos. A geringonça, por exemplo, foi vendida como a nova renovação da social-democracia, mas nada disso aconteceu. Os partidos passam dos programas às performances, das ideias passam aos interesses e veja-se como os interesses dominam tudo. Passam da substância para o estilo, do coletivo para o conectivo, do social para o societal, do cidadão para o consumidor e, por fim, da pessoa para o indivíduo. E assim governa António Costa.

### **Por financismo, o tal dogma que substituiu o governo dos cidadãos, como diz, pela administração das coisas?**

Estamos nesta situação em que tudo é economia, o que me remete de novo para o paradigma do crescimento. A economia procura resolver essa questão de por que é que a humanidade, a partir do século XX, só pensa em crescer? Os políticos estão reféns disto, um político nunca pode dizer que não se cresce, mas o que é o crescimento? Neste domínio da economia há todo um conjunto de coisas a pensar.

### **É por isso que refere a ideia de tudo ser um mercado?**

É tudo um mercado e, aí, o economicismo do chamado neoliberalismo é absolutamente igual ao do comunismo: tudo é economia e a economia define tudo. Estamos nesta situação, que é muito complicada em termos europeus e nacionais: as dificuldades que temos em termos de mercado são muito grandes e nada garante que a democracia seja um regime eterno. O que vimos antes da Ucrânia é que já se falava da crise da democracia, eram livros atrás de livros e em todos os países do mundo se falava da crise da democracia. O que faz impressão é que não se vê que os políticos e os media perguntem por que é que isto acontece.

### **Tal como em Itália?**

O que vemos agora em Itália, o que vimos ontem na República Checa, são apenas exemplos, porque estas mudanças estão a acontecer em vários países. Falta perceber o que é que causa isto, por que constantemente se fala nisto como se atribuíssemos estas

mudanças a algum poder divino, mas não, são é as sociedades a transformar-se. Estamos dentro deste paradigma que anestesia as pessoas porque o paradigma do ilimitado, ao prometer tudo às pessoas quando sabe que tudo tem limites, anestesia e desorienta as pessoas.

### **E está também Portugal anestesiado?**

Portugal continua a ser um país, a meu ver, atordoado e desvitalizado. Não há nenhuma visão, nem nenhum programa e é também rebocado porque desde a entrada na União Europeia, e particularmente nos últimos anos, anda a reboque. Nem esse reboque fazemos bem-feito, porque mesmo com todo o dinheiro que nos chega da Europa vemos que não há projetos ou que não há uso desse dinheiro. Há um guiché para as necessidades urgentes, mas não há visão global. A política vive num estado constante de conformismo patológico e isso faz muito mal à sociedade.

### **É patológico quando, por exemplo, António Costa disse recusar a ideia da taxa sobre os lucros excessivos - de que o ministro da Economia falou -, mas já o admite, agora, por ter sido Ursula von der Leyen a colocar a questão?**

Aí é o estar a reboque e é a desorientação. A questão do conformismo patológico tem a ver com todos os partidos e com a classe política em geral. A ideia que dá é que António Costa está refém de um conjunto de compromissos de Sócrates, como Alcochete ou o Acordo Ortográfico que nos torna minoritários na nossa própria língua.

### **Refém de Sócrates?**

Há um conjunto de pontos em que parece que António Costa está refém e em que não parece ser capaz de romper com o que é o pior da herança de Sócrates. Acho que não tem autonomia e não tem independência de juízo, nem cá, nem fora.